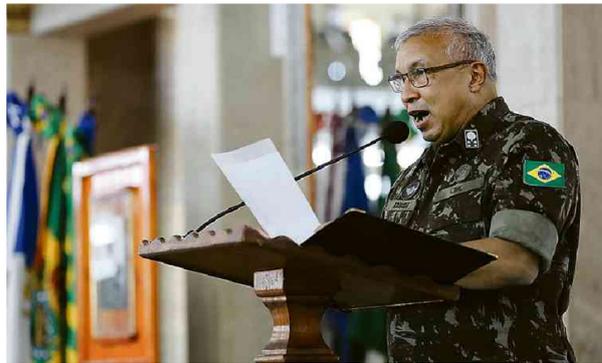


Lula demite comandante do Exército



O general Júlio Cesar de Arruda, demitido por Lula do comando do Exército. Marcos Correa/Divulgação Presidência da República

Lula demite comandante do Exército após crise de confiança nas Forças

Decisão ocorre 13 dias após ataques golpistas aos três Poderes e foi motivada por resistência do general a ordens do presidente

BRASÍLIA E SÃO PAULO O presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) demitiu o comandante do Exército, general Júlio Cesar de Arruda, em meio a uma crise de confiança aberta após os ataques do dia 8 de janeiro, em Brasília. A decisão foi comunicada ao militar neste sábado (21).

O novo chefe da Força é o atual comandante militar do Sudeste (responsável por São Paulo), general Tomás Miguel Mine Ribeiro Paiva. Nesta semana, ele havia feito um discurso incisivo de defesa da institucionalidade, pedindo o respeito ao resultado das eleições e afirmando o Exército como apolítico e apartidário.

O ministro da Defesa, José Múcio Monteiro, oficializou a troca na noite deste sábado em fala de um minuto.

"Evidentemente que com esses últimos episódios, a questão dos acampamentos, a questão do [ataque] dia 8 de janeiro, as relações no comando do Exército sofreram uma fratura no nível de confiança. Achávamos que podíamos estar nisso logo no início", disse ao lado do novo comandante, que não se pronunciou.

A fala de Múcio ocorreu no Palácio do Planalto após reunião entre ele, Lula, o novo comandante e o ministro da Casa Civil, Rui Costa. No Twitter, o presidente publicou foto cumprimentando o novo comandante e disse desejar "um bom trabalho ao general".

Arruda tinha sido nomeado para o comando da Força em 28 de dezembro, antes da posse de Lula como presidente. Ele havia sido escolhido por critério de antiguidade pelo ministro da Defesa.

Segundo auxiliares do presidente, a decisão foi tomada porque Arruda não demonstrou disposição de tomar providências imediatas para reduzir as desconfianças de Lula em relação a militares do Exército após o ataque aos três Poderes. Arruda revelou em expor o Comando Militar do Planalto, que no mínimo falhou no dia 8.

Em uma conversa recente com Múcio, Arruda afirmou que não se sentia "forte junto à tropa" para conduzir um processo que seria apontado por muitos como um expurgo —além disso, ele enfrenta problemas de saúde.

De acordo com relatos de aliados de Lula e generais, a nota digna para exoneração foi Arruda ter resistido ao pedido de Múcio para que o tenente-coronel Mauro Cid

fosse retirado do comando de um batalhão do Exército em Goiânia (GO).

Cid foi ajudante de ordens de Jair Bolsonaro (PL) e, como a Folha revelou, entrou na mira da Polícia Federal após serem identificadas transações suspeitas no gabinete do mandatário. O militar está nos EUA com o ex-presidente.

Na sexta (20), após o portal Metrôpoles também noticiar o caso, Lula ordenou a Múcio que Cid fosse retirado da função de comando. O ministro da Defesa conversou com Arruda à noite e ele, segundo relatos, resistiu à ordem.

Pesou ainda, segundo aliados de Lula, a crise do acampamento golpistas em frente ao quartel general do Exército e o veto que Arruda e o comandante Militar do Planalto, general Gustavo Dutra, deram à retirada dos bolsonaristas na noite de 8 de janeiro.

Mesmo a destituição não foi tranquila. Arruda queixou-se em reunião com os outros integrantes do Alto-Comando neste sábado que Lula, e não Múcio, é que deveria ter lhe comunicado a demissão. Foi aconselhado a aceitar calado.

Três generais que participaram da reunião virtual afirmaram à Folha que Arruda não deixou claro qual teria sido o principal motivo da demissão.

Ele disse, segundo os relatos, que, na sexta, passou horas com Lula em reunião que foi considerada produtiva sobre investimentos em projetos estratégicos na área da defesa.

Arruda ainda disse que, na sexta, não foi questionado pelo presidente sobre os motivos que poderiam ter levado à demissão. Ele atribuiu a decisão às críticas que o Exército tem recebido por uma suposta leniência com atos golpistas.

Tomás, como é chamado, já havia sido cotado para o cargo, mas petistas temiam que sua capacidade de articulação o tornasse uma força independente, assim como Eduardo Villas Bôas foi quando escolhido por Dilma Rousseff (PT) —ele foi o artífice da volta dos fardados à política.

O general está na linha sucessória natural, sendo o mais antigo detentor de quatro estrelas do Alto-Comando, ao lado de Valério Strumpf.

Em discurso na quarta-feira (18), durante uma cerimônia em São Paulo, Tomás afirmou que o resultado das urnas deve ser respeitado.

A demissão de Arruda tem potencial para agravar as tensões entre Lula e o comando

“Se o motivo foi tentativa de pedir a cabeça de algum militar, sem que houvesse investigação, mostra que o governo realmente quer alimentar uma crise com as Forças e em particular com o Exército. Isso aí é péssimo para o país”

Hamilton Mourão ex-vice-presidente e senador eleito à Folha ao comentar a demissão

“O comportamento do ex-comandante do Exército caracterizou insubordinação inadmissível perante ameaças à democracia e de partidização da Força. [...] Crise haveria se o presidente Lula não tivesse atuado em defesa da Constituição”

Gleisi Hoffmann presidente do PT e deputada federal ao comentar a demissão no Twitter

das Forças. Os governistas afirmam, no entanto, que a saída é necessária para que Lula exerça sua autoridade.

Depois dos ataques à praça dos Três Poderes, Lula manifestou publicamente sua desconfiança em relação às Forças Armadas, em críticas direcionadas ao Exército.

No dia 12, ele afirmou que "muita gente das Forças Armadas" dentro do Palácio do Planalto foi conivente.

Na sexta, o presidente se reuniu com Arruda e os comandantes da Marinha, Marcos Sampaio Olsen, e da Aeronáutica, Marcelo Kanitz Damasceno. O encontro foi articulado por Múcio como uma maneira de reduzir as preocupações deste início de governo.

Um dos focos mais vividos de tensão era a chefia do Batalhão da Guarda Presidencial, responsável pela segurança do Palácio do Planalto. Lula exigiu a troca do comandante da tropa, mas o Exército defendeu a estátu-la só depois de uma investigação que pudesse comprovar que ele teria facilitado a invasão do prédio.

O governo também exige mudança clara de posição dos militares diante de protestos em frente aos quartéis. Neste ponto, há sinais de convergência: a determinação dos militares é impedir ocupações.

Generais ouvidos pela Folha afirmaram que a demissão foi uma surpresa para o Alto-Comando do Exército, já que, apesar das insatisfações verbalizadas por Lula após o 8 de janeiro, havia uma impressão de que a crise havia sido revertida por Múcio e os comandantes militares.

Na quarta-feira, houve o primeiro encontro entre todos os generais quatro estrelas após os ataques de 8 de janeiro.

Na conversa, Arruda falou sobre a importância de manter a hierarquia, a disciplina e o controle das tropas. Ele disse que há cobranças para que as Forças sejam despolitizadas.

Na reunião, a maioria dos generais afirmou que não há politização do Exército, que as tropas seguem controladas e que militares da reserva mancharam a imagem da Força com declarações públicas em tom golpista e contra Lula. Foi repassada também a ordem para que militares que tivessem participado dos ataques fossem punidos.

Bruno Boghossian, Igor Gielow, César Feitosa, Victoria Azevedo, Cátia Seabra e Idiana Tomazelli, Marcelo Rocha e Ranier Bragion

Veículo: Online -> Site -> Site Folha de S. Paulo

Seção: Política **Caderno:** A **Página:** 4